

DINÂMICA DO TRABALHO E EMPREGO NA PECUÁRIA CATARINENSE: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CENSOS AGROPECUÁRIOS

DYNAMICS OF WORK AND EMPLOYMENT IN SANTA CATARINA'S LIVESTOCK INDUSTRY: AN ANALYSIS BASED ON AGRICULTURAL CENSUSES

Alexandre Luís Giehl, Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Grupo de Trabalho: GT9 - Trabalho, emprego e ocupações rurais

Resumo

Este estudo analisa a dinâmica do trabalho e emprego na pecuária catarinense entre 1995 e 2017, com base em dados dos Censos Agropecuários do IBGE. Os resultados revelam uma redução de 30,2% no pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários no período, contrastando com o crescimento de 43,6% na mão de obra específica da pecuária. A produção apresentou aumentos expressivos (leite: +366%; suínos: +202%; frangos: +174%), indicando ganhos de produtividade associados à modernização tecnológica. Evidenciou-se grande diferenciação regional, com predominância do Oeste Catarinense, responsável por 56,5% da mão de obra ocupada na pecuária catarinense e pela maior parte da produção animal do estado (75,7% do leite, 79,4% dos frangos, 78,9% dos suínos, 50,9% dos bovinos e 49,4% dos ovos). A mesorregião Serrana, por outro lado, destacou-se pela alta ocupação em atividades menos tecnificadas, como a bovinocultura de corte, amplamente presente na região. A agricultura familiar manteve relevância (74,9% do emprego total em 2017), mas registrou queda (-7,4%), acompanhando a tendência de concentração produtiva. Conclui-se que a pecuária catarinense passou por intensa modernização nas últimas décadas, com aumento da produtividade e redução relativa do emprego, especialmente no segmento familiar. A heterogeneidade regional é uma característica marcante do setor, com o Oeste dominando a produção, especialmente nas cadeias produtivas com maior incorporação de tecnologias. Contudo, a ausência de dados desagregados para algumas atividades, bem como o tempo transcorrido desde o último censo, dificultam análises mais precisas. Os achados sugerem tensões entre eficiência econômica e equidade social, apontando para a necessidade de políticas que conciliem inovação tecnológica com a manutenção de postos de trabalho, especialmente para os produtores familiares. Recomendam-se novos estudos, abordando os impactos das mudanças tecnológicas sobre as ocupações no setor pecuário.

Palavras-chave: Pecuária; emprego rural; trabalho; modernização; agricultura familiar.

Abstract

This study analyzes the dynamics of work and employment in Santa Catarina's livestock sector between 1995 and 2017, based on data from the IBGE Agricultural Census. The results reveal a 30.2% reduction in the number of people employed in agricultural establishments during the period, contrasting with a 43.6% growth in the specific livestock workforce. Production showed significant increases (milk: +366%; pigs: +202%; chickens: +174%), indicating productivity gains associated with technological modernization. There was a great regional differentiation, with a predominance of the West of Santa Catarina, responsible for 56.5% of the workforce employed in Santa Catarina's livestock sector and for the majority of the state's animal production (75.7% of milk, 79.4% of chickens, 78.9% of pigs, 50.9% of cattle and 49.4% of eggs). The Serrana mesoregion, on the other hand, stood out for its high employment in less technologically advanced activities, such as beef cattle farming, which is widely present in the region. Family farming remained relevant (74.9% of total employment in 2017), but recorded a decline (-7.4%), following the trend of productive concentration. It is concluded that Santa Catarina's livestock farming has undergone intense modernization in recent decades, with an increase in productivity and a relative reduction in employment, especially in the family segment. Regional heterogeneity is a striking characteristic of the sector, with the West dominating production, especially in production chains with greater incorporation of technologies. However, the lack of disaggregated data for some activities, as well as the time elapsed since the last census, make more precise analyses difficult. The findings suggest tensions between economic efficiency and social equity, pointing to the need for policies that reconcile technological innovation with the maintenance of jobs, especially for family farmers. New studies are recommended, addressing the impacts of technological changes on occupations in the livestock sector.

Key words: Livestock; rural employment; work; modernization; family farming.

1. Introdução

De acordo com dados do Banco Mundial, a agropecuária é responsável por 26,0% do total de empregos no mundo, com maior importância nos países menos desenvolvidos e de menor renda, não obstante a gradativa redução da participação desse setor nas últimas décadas (World Bank, 2023).

A pecuária constitui um setor estratégico para a economia brasileira, respondendo por cerca de 30% do PIB do agronegócio, o equivalente a 7% a 8% do PIB total do país (Mapa, 2023). Além disso, contribui significativamente para a geração de divisas por meio das exportações de carnes. No entanto, o setor enfrenta desafios importantes, como a necessidade de modernização, adoção de práticas sustentáveis e mitigação de riscos climáticos e de mercado. Nesse contexto, o crédito rural surge como um mecanismo essencial para viabilizar investimentos, custeio e gestão, impulsionando o desenvolvimento da atividade.

Em Santa Catarina, a pecuária assume papel ainda mais relevante. Segundo dados do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa, 2024), em 2023 a produção animal representou 57,6% do valor da produção agropecuária (VPA) do estado. Dentre as dez principais atividades agropecuárias catarinenses, cinco estão associadas à produção animal, com destaque para a suinocultura (20,2% do VPA), a avicultura de corte (16,4%) e a produção leiteira (12,3%), que ocupam as três primeiras posições no ranking estadual.

O estado possui uma estrutura fundiária peculiar, com predominância de agricultores familiares que possuem pequenas e médias propriedades, o que influencia diretamente nas relações de trabalho.

Apesar do reconhecimento da relevância da pecuária para a economia catarinense, há escassez de análises aprofundadas sobre a geração de empregos diretos associados a essa atividade, o que gera lacunas acerca da compreensão dos fenômenos que se desenvolvem nesse segmento e das perspectivas do setor.

O presente estudo busca analisar a geração de trabalho e emprego decorrente da pecuária em Santa Catarina nos últimos doze anos, buscando compreender a dinâmica desse setor e apontar tendências em curso.

2. Dinâmica do emprego no agronegócio: modernização e mudanças

Nas últimas décadas, observou-se um crescimento substancial na produção e consumo global de produtos pecuários, consolidando este setor como um dos de mais rápido crescimento no âmbito agrícola (FAO, 2018). Projeções indicam a continuidade dessa expansão, impulsionada pelo aumento populacional - estimado em um bilhão de pessoas até 2030 - e pela redução dos níveis de pobreza, fatores que ampliam o acesso a proteínas de origem animal (OCDE, 2017).

Segundo a FAO (2018), o dinamismo do setor pecuário e seus múltiplos vínculos intersetoriais representam significativas oportunidades para o desenvolvimento econômico de diversos países. Seus efeitos multiplicadores atuam em duas dimensões principais: (1) contribuição direta para a subsistência rural e produção agrícola; e (2) articulação produtiva com diversos outros setores industriais.

Embora a participação da agricultura no PIB tenda a diminuir com o desenvolvimento econômico (Valdés & Foster, 2010), verifica-se que a pecuária assume importância crescente no valor da produção agrícola à medida que ocorre a modernização do setor e a especialização dos mercados. Nos países desenvolvidos, a pecuária responde por aproximadamente 40% da produção agrícola total, proporção que duplica a observada em economias em desenvolvimento (cerca de 20%).

A produção pecuária em economias desenvolvidas contribui com uma parcela substancialmente maior da produção agrícola total do que em economias em desenvolvimento. Por outro lado, o setor cresceu mais rápido em regiões em desenvolvimento (OCDE, FAO, 2018).

Este cenário global de expansão e transformação do setor pecuário reflete-se de maneira particular na dinâmica do mercado de trabalho brasileiro. Como demonstram os dados mais recentes do Cepea/USP (2025), o agronegócio mantém-se como um dos principais eixos de geração de emprego no país, com padrões de ocupação que espelham tanto a importância histórica da pecuária nacional quanto os processos de modernização e reestruturação produtiva observados em nível internacional. A análise dos números de 2024 revela como essa atividade se configura no mercado de trabalho brasileiro, destacando-se especialmente a bovinocultura como principal empregadora do setor.

No terceiro trimestre de 2024, o número de pessoas empregadas em atividades relacionadas ao agronegócio no Brasil atingiu a marca de 28,4 milhões, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo – Cepea/USP (Cepea/CNA, 2025). Com isso, o setor respondia 26,0% das ocupações totais do país nesse período, o que demonstra sua relevância na economia nacional. O estudo do Cepea demonstra que, desse contingente mencionado, cerca de 13,03 milhões (11,9%) estavam envolvidos diretamente no segmento primário ou desenvolviam a agricultura com finalidade de autoconsumo. Os demais trabalhadores distribuem-se entre os segmentos Insumos (0,3%), Agroindústria (4,4%) e Agrosserviços (9,4%).

Ainda segundo os dados divulgados pelo Cepea, a população ocupada no grupo de atividade pecuária e pesca no terceiro trimestre de 2024 soma 2,76 milhões de pessoas, o que representa 34,5% do total de envolvidos no segmento primário. A atividade pecuária que possui o maior número de pessoas ocupadas é a bovinocultura¹, na qual estão envolvidos 1,84 milhões de pessoas, o que representa 66,8% da população ocupada no grupo pecuária e pesca no terceiro trimestre de 2024. Aliás, a bovinocultura também é a atividade que, individualmente, envolve o maior número de trabalhadores dentre todos os segmentos do agronegócio.

Tabela 1. População ocupada (número de pessoas) e participação por atividade (3º trimestre de 2024)

Atividade	N. pessoas ocupadas	Participação na pecuária e pesca
Bovinos	1.843.526	66,8%
Pesca e aquicultura	388.113	14,1%
Outros animais	231.623	8,4%
Aves	204.594	7,4%
Suínos	89.159	3,2%
Pecuária e pesca	2.760.611	100%

Fonte: Cepea/CNA (2025)

A produção de aves, atividade economicamente bastante relevante em Santa Catarina, respondeu por 7,4% do pessoal ocupado em atividades primárias no país no terceiro trimestre de 2024, enquanto a suinocultura representou 3,2%.

Ao analisar a evolução da população ocupada no agronegócio de 2012 a 2024, percebe-se um crescimento de 4,7% no período (Tabela 2). Contudo, como a população ocupada total

¹ Inclui a criação de bovinos para corte, leite e trabalho.

cresceu 15,4% nesse mesmo período, a participação do agronegócio apresenta tendência de queda ao longo dos anos, passando de 28,9% em 2012, para 26,2% em 2024.

Tabela 2. População ocupada no agronegócio, por segmento

(milhões de pessoas)

Segmento	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024*
Insumos	0,18	0,19	0,23	0,24	0,20	0,23	0,23	0,24	0,24	0,26	0,28	0,30	0,31
Primário	10,23	10,07	9,45	9,30	9,04	8,46	8,44	8,45	8,23	8,82	8,68	8,25	8,13
Autoconsumo	3,64	4,18	4,30	3,77	4,21	5,02	5,28	5,30	5,30	5,30	5,04	5,04	5,04
Agroindústria	4,74	4,65	4,83	4,73	7,33	4,43	4,41	4,42	4,10	4,29	4,51	4,50	4,66
Agrosserviços	8,19	8,58	8,64	8,68	8,55	9,09	9,36	9,55	8,72	8,67	9,26	9,83	10,10
Agronegócio	26,97	27,66	27,45	26,71	26,33	27,23	27,72	27,96	26,60	27,34	27,78	27,92	28,23
PO total - Brasil	93,36	95,32	96,66	96,07	95,32	96,64	98,59	100,58	93,28	97,62	104,21	105,55	107,73

Fonte: Cepea e CNA, com base em dados da PNAD-C e PNAD (IBGE) e RAIS.

* Valores preliminares, referentes à média dos três primeiros trimestres de 2024.

A análise dos dados referentes ao segmento primário do agronegócio revela variações particularmente significativas, com uma redução de 2,10 milhões de trabalhadores entre 2012 e 2024, representando um declínio de 20,6% na mão de obra desse segmento. Embora mantenha participação relevante, correspondendo a 28,8% do total de ocupações no setor em 2024, o segmento primário perdeu sua posição dominante para o setor de agrosserviços, que atualmente responde por 35,8% da força de trabalho total.

Esse processo de transformação estrutural tem como principal impulsionador a modernização tecnológica da agropecuária, marcada pela intensificação da mecanização, automação e incorporação de inovações tecnológicas. Esses avanços resultaram em ganhos de produtividade laboral, mas simultaneamente reduziram a demanda por mão de obra pouco qualificada. Conforme destacado por Cepea/CNA (2025), esse fenômeno típico de economias em desenvolvimento promoveu uma reconfiguração intrassetorial da força de trabalho, com migração significativa para segmentos como o processamento agroindustrial e serviços especializados. A literatura econômica e os dados setoriais indicam que essa transição corresponde a um padrão natural de evolução estrutural do agronegócio. Paradoxalmente, enquanto ocorre redução no emprego direto na produção primária, verifica-se crescimento global das ocupações no setor como um todo. Esse contexto tem estimulado a elevação da qualificação profissional, o aumento da escolaridade média e a melhoria nos níveis remuneratórios da mão de obra.

Complementando esses fatores tecnológicos, transformações demográficas têm contribuído para a redução da população rural ativa, particularmente através da diminuição do tamanho médio das famílias rurais e do êxodo de jovens para centros urbanos. Essa dinâmica afeta de maneira mais intensa os pequenos produtores e trabalhadores familiares, que enfrentam desafios adicionais para adaptar-se ao ambiente tecnologicamente mais avançado e competitivo da agropecuária moderna.

O estudo de Castro (2018) nos ajuda a compreender melhor a configuração do mercado de trabalho associado a esse setor. Segundo a autora, a força de trabalho no agronegócio brasileiro apresentava predominância de mão-de-obra com baixa qualificação e inserção laboral informal. A pesquisa ainda revela significativa heterogeneidade intrassetorial, destacando-se o segmento primário por apresentar características distintas e remunerações médias substancialmente inferiores em comparação ao restante do setor.

Em consonância com os estudos anteriormente mencionados, a Tabela 3 apresenta os rendimentos médios mensais em 2024 para três categorias de trabalhadores nos diversos segmentos do agronegócio: (i) empregados e outros; (ii) empregadores; e (iii) trabalhadores por conta própria. Os dados revelam disparidades significativas não apenas entre os diferentes grupos, mas também dentro de cada categoria, quando comparados os diversos segmentos do agronegócio. No grupo dos empregados e outros, observa-se que os trabalhadores do segmento “Primário Pecuária” apresentam o menor rendimento médio mensal, correspondendo a um valor 33,6% inferior à média do agronegócio como um todo.

Tabela 3. Rendimento médio mensal habitual no agronegócio por segmento e posição na ocupação (2024*)

Segmento	Empregados e outros	Empregadores	Conta própria
Insumos	R\$ 3.762,84	R\$ 12.508,24	R\$ 832,79
Primário Agrícola	R\$ 1.760,94	R\$ 7.049,66	R\$ 2.022,00
Primário Pecuária	R\$ 1.683,02	R\$ 8.502,67	R\$ 1.270,43
Indústria Agrícola	R\$ 2.674,23	R\$ 6.675,69	R\$ 1.154,41
Indústria Pecuária	R\$ 2.310,48	R\$ 6.563,48	R\$ 102,50
Serviços	R\$ 2.954,43	R\$ 7.920,32	R\$ 2.748,31
Agronegócio (total)	R\$ 2.532,88	R\$ 7.450,63	R\$ 2.059,39

Fonte: Cepea/CNA, 2025

* Valores preliminares, referentes à média dos três primeiros trimestres de 2024.

A heterogeneidade anteriormente discutida se manifesta igualmente em outros aspectos, como o nível de escolaridade e a distribuição por gênero dos trabalhadores em cada segmento do agronegócio. Conforme apresentado na Tabela 4, que detalha a distribuição por classe de escolaridade em 2024, verifica-se que a proporção de trabalhadores sem instrução formal é significativamente maior no agronegócio do que na média geral da população ocupada no país.

Tabela 4. Escolaridade do pessoal ocupado no agronegócio, por segmento (2024*)

Segmento	Sem instrução	Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior
Insumos	2,4%	24,8%	43,1%	29,7%
Agropecuária	7,8%	56,4%	30,5%	5,3%
Autoconsumo agrícola	15,7%	62,0%	19,2%	3,2%
Agronegócio (total)	5,8%	38,6%	39,4%	16,2%
Brasil (total)	2,6%	26,2%	42,4%	28,7%

Fonte: Cepea/CNA, 2025

* Valores preliminares, referentes à média dos três primeiros trimestres de 2024.

Esses trabalhadores concentram-se principalmente no segmento de autoconsumo agrícola, onde representam 15,7% do total, mas também apresentam participação relevante no segmento agropecuário. Em contraste, os trabalhadores com ensino superior completo representam apenas 16,2% da força de trabalho no agronegócio, percentual consideravelmente inferior à média nacional de 28,7%. Essa discrepância é ainda mais acentuada nos segmentos

de autoconsumo agrícola (3,2%) e agropecuário (5,3%), que apresentam as menores participações de trabalhadores com nível superior.

A Tabela 5 evidencia que as ocupações no agronegócio são predominantemente masculinas, com aproximadamente dois terços dos trabalhadores sendo desse gênero. No segmento agropecuário, essa disparidade é ainda mais marcante, com as mulheres representando apenas 18,1% da força de trabalho – dado que corrobora a tese da masculinização do espaço rural discutida na literatura especializada. Contudo, observa-se uma distribuição mais equilibrada, com relativa predominância feminina, no segmento de autoconsumo agrícola. Esse padrão sugere uma maior participação das mulheres em atividades voltadas principalmente à subsistência familiar, enquanto os homens tendem a assumir maior protagonismo quando essas atividades incorporam a produção e comercialização de excedentes.

Tabela 5. Escolaridade do pessoal ocupado no agronegócio, por segmento (2024*)

Segmento	Gênero	
	Masculino	Feminino
Insumos	71,8%	28,2%
Agropecuária	81,9%	18,1%
Autoconsumo agrícola	45,7%	54,3%
Agronegócio (total)	62,3%	37,7%
Brasil (total)	56,1%	43,9%

Fonte: Cepea/CNA, 2025

* Valores preliminares, referentes à média dos três primeiros trimestres de 2024.

3. Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem quantitativa, baseada em análise descritiva e estatística de dados secundários, para examinar a evolução do emprego na pecuária catarinense entre 1995 e 2017. Os procedimentos metodológicos foram organizados em três etapas:

3.1. Fontes de dados

Foram utilizados os seguintes bancos de dados oficiais:

- Censos Agropecuários do IBGE (1995, 2006 e 2017): principais fontes para dados de pessoal ocupado em estabelecimentos agropecuários, desagregados por atividade pecuária (bovinocultura, suinocultura, avicultura etc.) e tipo de estabelecimento (familiar/não familiar).
- Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) e Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE): para dados de produção (leite, abates de suínos, aves e bovinos) e sua distribuição mesorregional.
- Dados complementares: estatísticas do Cepea/USP, Epagri/Cepa e relatórios do MAPA, utilizados para contextualizar tendências nacionais e estaduais.

3.2. Variáveis e classificações

As variáveis analisadas incluíram:

- Pessoal ocupado: total de trabalhadores em estabelecimentos agropecuários, com recortes por atividade pecuária e mesorregião.
- Produção: volume físico (litros de leite, cabeças abatidas) para correlacionar emprego e produtividade.

- - Agricultura familiar: dados do Censo Agropecuário (2006 e 2017) para comparar a dinâmica ocupacional entre estabelecimentos familiares e não familiares.

As mesorregiões catarinenses foram classificadas conforme o IBGE: Oeste, Vale do Itajaí, Serrana, Norte, Sul e Grande Florianópolis.

3.3. Análise dos dados

A metodologia combinou uma análise descritiva, tratando das variações absolutas e percentuais do emprego e da produção (com tabelas e gráficos comparativos), com uma correlação espacial (distribuição geográfica da mão de obra e sua relação com a produção pecuária por mesorregião). Além disso, fez-se uso de discussão contextual, buscando interpretar os resultados à luz de estudos prévios.

4. Resultados e discussão

Para contextualizar a análise proposta neste estudo, examinou-se a evolução do pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários com base nos censos agropecuários de 1995, 2006 e 2017, conforme apresentado na Tabela 6.

Tabela 6. Pessoal total ocupado em estabelecimentos agropecuários, de acordo como os Censos de 1995, 2006 e 2017 – Brasil, Santa Catarina e mesorregiões

Abrangência	Pessoal ocupado (nº de pessoas)			Variação 1995-2017 (%)
	1995	2006	2017	
Brasil	17.930.890	16.568.205	15.105.125	-15,8%
Santa Catarina	718.694	571.522	501.811	-30,2%
Oeste Catarinense	322.193	250.598	209.442	-35,0%
Vale do Itajaí	108.141	84.682	72.873	-32,6%
Serrana	80.875	60.413	70.284	-13,1%
Norte Catarinense	74.428	67.595	65.024	-12,6%
Sul Catarinense	99.593	77.802	57.873	-41,9%
Grande Florianópolis	33.464	30.432	26.315	-21,4%

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025a). Elaboração do autor.

Os dados revelam uma redução de 15,8% no pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários brasileiros entre 1995 e 2017. Em Santa Catarina, esse declínio foi mais acentuado, atingindo 30,2% no mesmo período. Contudo, como demonstra a Tabela 6, as variações foram heterogêneas entre as mesorregiões catarinenses. Em termos relativos, a maior redução ocorreu na mesorregião Sul Catarinense (-41,9%), seguida pelo Oeste Catarinense (-35,0%) e Vale do Itajaí (-32,6%). As demais mesorregiões também apresentaram variações negativas, porém inferiores à média estadual. Essa tendência reflete as transformações setoriais, como a modernização produtiva e o êxodo rural, que impactaram especialmente regiões com forte tradição agropecuária. Este é um debate amplo, que conta com extensa literatura especializada (Hübner, Simões, 2023; Mussoi, 2002; Marcondes, 2016).

Em valores absolutos, o número de pessoas ocupadas nos estabelecimentos agropecuários de Santa Catarina diminuiu em 216,8 mil indivíduos. Desse total, 52,0% (112,7 mil) corresponderam à mesorregião Oeste Catarinense, que concentra grande parte da produção agropecuária do estado. Como resultado, a participação de Santa Catarina no total nacional declinou de 4,0% em 1995 para 3,3% em 2017.

A análise do pessoal ocupado especificamente na atividade pecuária revela cenário distinto daquele apresentado anteriormente. Enquanto o total de trabalhadores agropecuários diminuiu, o número de trabalhadores atuando especificamente na pecuária no Brasil cresceu 41,4% entre 1995 e 2017. Em Santa Catarina, o incremento foi ligeiramente superior, atingindo 43,6% no mesmo período, mantendo estável a participação relativa do estado no total nacional (3,3%).

Conforme evidenciado na Tabela 7, observaram-se diferenças regionais significativas. A mesorregião Oeste Catarinense registrou o maior crescimento (59,5%), seguida pela Serrana. As mesorregiões Grande Florianópolis e Sul Catarinense apresentaram variações próximas, porém inferiores à média estadual (38,3% e 36,3%, respectivamente). Já no Vale do Itajaí e Norte Catarinense, as variações foram modestas (6,0% e 0,9%, respectivamente).

Tabela 7. Pessoal total ocupado em estabelecimentos agropecuários na atividade pecuária, de acordo como os Censos de 1995 a 2017 – Brasil, Santa Catarina e mesorregiões

Abrangência	Pessoal ocupado (nº de pessoas)			Variação 1995-2017 (%)
	1995	2006	2017	
Brasil	4.829.845	6.797.238	6.831.118	41,4%
Santa Catarina	158.989	227.052	228.265	43,6%
Oeste Catarinense	80.895	132.448	129.066	59,5%
Serrana	19.924	22.744	30.882	55,0%
Sul Catarinense	17.897	24.229	24.390	36,3%
Vale do Itajaí	21.858	25.552	23.170	6,0%
Norte Catarinense	12.587	12.631	12.695	0,9%
Grande Florianópolis	5.828	9.448	8.062	38,3%

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025a). Elaboração do autor.

Embora o período entre 1995 e 2017 tenha registrado crescimento expressivo no número de pessoas ocupadas na pecuária, a análise do intervalo entre 2006 e 2017 revela um cenário distinto. Em nível estadual, observou-se estabilidade, com variação de apenas 0,5%, padrão similar ao verificado nacionalmente. Contudo, as tendências regionais apresentaram significativa heterogeneidade. A mesorregião Oeste Catarinense registrou queda de 2,3%, tendência mais acentuada tendo sido observada no Vale do Itajaí (-9,3%) e na Grande Florianópolis (-14,7%). Enquanto isso, o Sul Catarinense e o Norte Catarinense mantiveram relativa estabilidade, com altas de 0,7% e 0,5%, respectivamente. A exceção foi a mesorregião Serrana, que apresentou crescimento expressivo de 35,8%. Esses dados evidenciam que a expansão anteriormente mencionada se concentrou predominantemente no período entre 1995 e 2006, sugerindo perda de dinamismo na década subsequente.

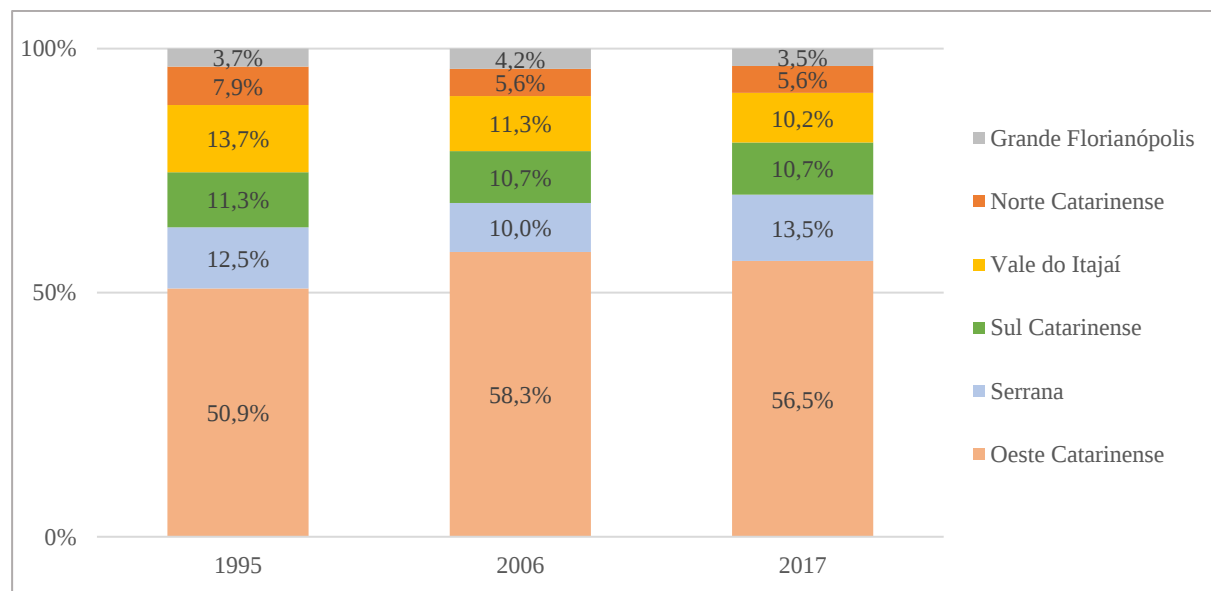
Marcondes (2016) associa essa mudança de padrão ao processo de concentração produtiva na agricultura catarinense, intensificado a partir dos anos 1990. De acordo com o autor, a suinocultura apresenta-se como caso emblemático dessa transformação: atividade que envolvia numerosos produtores familiares nas décadas de 1970 e 1980, passou por significativo processo de concentração a partir do final dos anos 1990. Em razão do período em que se deu esse processo de exclusão, esse movimento pode não ter sido plenamente captado pelo Censo Agropecuário de 2006, tornando-se mais evidente apenas no levantamento subsequente.

Dados recentes da Epagri/Cepa (2024) corroboram essa perspectiva, demonstrando que, entre 2013 e 2023, o número de produtores de suínos foi reduzido em 20,1%, enquanto o de avicultores apresentou queda ainda mais expressiva (33,4%). Esses percentuais representam

aproximadamente 4 mil unidades produtivas a menos no período de onze anos. Ressalta-se que esses números se referem a estabelecimentos produtivos, não a pessoas ocupadas, cuja redução também foi acentuada. Enquanto o número de produtores diminuía significativamente, a produção de frangos manteve relativa estabilidade (-2,5%) e a de suínos registrou expressivo crescimento (66,7%) no mesmo período. A intensificação produtiva via modelo de integração, tem como movimento esperado a concentração da produção em um menor número de produtores. A própria gestão de um sistema de produção integrada preconiza esse tipo de verticalização, com um menor número de produtores produzindo mais, para facilitar a organização e a logística da cadeia produtiva.

A análise da participação relativa das mesorregiões revela relativa estabilidade ao longo do período estudado (Figura 1). O Oeste Catarinense, que respondia por 50,9% das ocupações na pecuária em 1995, elevou sua participação para 58,3% em 2006, mantendo 56,5% em 2017. Entre as demais regiões, destaca-se a perda de representatividade do Vale do Itajaí, que da segunda posição em 1995 passou para a quarta em 2017, evidenciando mudanças na geografia produtiva do estado.

Figura 1. Participação de cada mesorregião catarinense no pessoal ocupado na atividade pecuária



Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025a). Elaboração do autor.

Em seguida, procedeu-se à análise das transformações no contingente de trabalhadores da pecuária, conforme registrado nos censos agropecuários (Tabela 7), correlacionando esses dados com a evolução da produção das principais atividades pecuárias do estado no período 1995-2017 (Tabela 8).

Os resultados demonstram que, tanto no âmbito nacional quanto catarinense, ocorreram expressivos incrementos produtivos no período, embora com variações específicas por produto. Nota-se que, em todos os casos analisados, o crescimento da produção superou significativamente a expansão da mão de obra ocupada na pecuária, indicando substancial ganho de produtividade do trabalho ao longo das duas décadas estudadas.

Dentre os produtos analisados, o leite merece destaque especial, pois Santa Catarina registrou desempenho notavelmente superior à média nacional. Conforme Marcondes (2016), o vigoroso crescimento da atividade leiteira no estado a partir do final dos anos 1980 e início dos 1990 pode ser atribuído, em parte, à característica diversificada das propriedades rurais

catarinenses. Essa diversificação permitiu que muitos agricultores, quando confrontados com a inviabilidade econômica de determinadas culturas, pudessem redirecionar seus esforços para outras atividades já conhecidas, como a produção leiteira. Dessa forma, produtores marginalizados das cadeias de suínos e grãos encontraram na pecuária leiteira uma alternativa viável para geração de renda, com a qual já tinham familiaridade.

Tabela 8. Produção das principais atividades pecuárias - 1995 a 2017.

Área de abrangência	Produto / espécie	Unidade de medida	Produção anual			Variação 1995-2017 (%)
			1995/1997	2006	2017	
Brasil	Leite	Bilhões de litros	16,47	25,40	33,31	202,2%
	Suínos (abates)	Milhões de cabeças	13,62	25,22	43,19	317,0%
	Frangos (abate)	Milhões de cabeças	2.152,50	3.939,58	5.854,52	272,0%
	Bovinos (abate)	Milhões de cabeças	14,89	30,37	30,87	207,4%
	Ovos de galinha	Milhões de dúzias	2.358,92	2.933,90	4.214,49	178,7%
Santa Catarina	Leite	Bilhões de litros	0,82	1,71	2,98	366,0%
	Suínos (abates)	Milhões de cabeças	5,69	7,25	11,50	202,2%
	Frangos (abate)	Milhões de cabeças	494,56	720,10	859,61	173,8%
	Bovinos (abate)	Milhões de cabeças	0,19	0,33	0,43	227,9%
	Ovos de galinha	Milhões de dúzias	116,17	202,42	260,78	224,5%

Fontes: Pesquisa Agropecuária Municipal (IBGE, 2025b); Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2025c)

* No caso da produção de animais para abate, utilizou-se como parâmetro inicial os dados referentes ao ano de 1997, uma vez que a série histórica da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais tem início nesse ano. Já para a produção de leite e de ovos, os dados referem-se ao ano de 1995.

No que concerne à distribuição espacial da produção, os dados da Tabela 9 revelam a predominância da mesorregião Oeste Catarinense em todas as atividades pecuárias consideradas. Essa concentração produtiva ajuda a elucidar o padrão de distribuição da mão de obra pecuária na região, conforme ilustrado na Figura 1, reforçando a centralidade dessa mesorregião no contexto agropecuário estadual.

Tabela 9. Distribuição mesorregional da produção das principais atividades pecuárias de Santa Catarina (2017)*

Mesorregião	Frangos	Suínos	Bovinos	Leite	Ovos
Oeste Catarinense	79,4%	78,9%	50,9%	75,7%	49,4%
Sul Catarinense	12,2%	6,4%	12,6%	7,2%	24,6%
Vale do Itajaí	0,6%	8,1%	10,9%	8,2%	9,0%
Serrana	1,3%	0,0%	12,4%	3,3%	5,8%
Norte Catarinense	4,8%	3,7%	8,5%	3,1%	6,5%
Grande Florianópolis	1,7%	2,9%	4,7%	2,6%	4,6%

Fonte: IBGE (2025c), Epagri/Cepa (2018)

* Foram utilizados dados referentes ao ano de 2017 para viabilizar a comparação com o Censo Agropecuário do mesmo ano. Entretanto, ao analisar informações mais recentes, observa-se que não houve alterações significativas na distribuição regional da produção pecuária do estado.

Destaca-se, contudo, a discrepância observada na mesorregião Serrana, que, apesar de concentrar o segundo maior contingente de mão de obra ocupada na pecuária, apresenta participação limitada na maioria das atividades produtivas. A exceção é a bovinocultura de corte, onde a região ocupa a terceira posição estadual. Diferenciando-se das cadeias altamente tecnificadas e padronizadas da avicultura e suinocultura, a bovinocultura caracteriza-se por uma ampla variedade de padrões tecnológicos, decorrente de sua menor organização vertical. Essa particularidade explica a significativa presença de produtores com baixa adoção tecnológica e gestão pouco eficiente dos recursos disponíveis (Pinto *et al.*, 2016), especialmente no Planalto Sul Catarinense, onde condições edafoclimáticas, históricas e sociais específicas reforçam esse perfil produtivo. Consequentemente, o expressivo volume de mão de obra empregado na pecuária da mesorregião Serrana associa-se diretamente ao uso limitado de tecnologias e aos baixos índices de produtividade, considerando a intensidade do uso do trabalho humano.

No que se refere à participação da agricultura familiar na força de trabalho ocupada na pecuária, a análise restringiu-se aos censos de 2006 e 2017, únicos com dados desagregados por segmento produtivo (Tabela 10). Os resultados revelam tendência declinante no número de pessoas ocupadas na pecuária em estabelecimentos familiares, com redução de 7,4% em Santa Catarina, valor próximo à média nacional (-7,5%). Em contraste, os estabelecimentos não familiares registraram crescimento de 35,1% no estado, superando significativamente o índice brasileiro (23,2%). Esses dados adquirem maior relevância quando consideramos que o total de ocupações na pecuária apresentou variação positiva de 0,5% no período, tanto em Santa Catarina quanto no Brasil como um todo, indicando uma reconfiguração da estrutura produtiva do setor.

Tabela 10. Pessoal ocupado em atividades relacionadas à pecuária em estabelecimentos da agricultura familiar e não familiar (2006/2017) – Brasil, Santa Catarina e mesorregiões

Abrangência	2006		2017		Variação 2006-2017 (%)	Particip. da Agric. fam. no total - 2017 (%)
	Não familiar	Agric. familiar	Não familiar	Agric. familiar		
Brasil	1.771.862	5.025.376	2.182.763	4.648.355	-7,5%	68,0%
Santa Catarina	42.396	184.656	57.279	170.986	-7,4%	74,9%
Oeste Catarinense	20.622	111.826	22.668	106.398	-4,9%	82,4%
Serrana	2.718	9.913	4.263	8.432	-14,9%	66,4%
Sul Catarinense	7.557	15.187	13.443	17.439	14,8%	56,5%
Vale do Itajaí	4.681	20.871	7.173	15.997	-23,4%	69,0%
Norte Catarinense	2.280	7.168	3.009	5.053	-29,5%	62,7%
Grande Florianópolis	4.538	19.691	6.723	17.667	-10,3%	72,4%

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025a). Elaboração do autor.

A análise regional revelou que a maioria das mesorregiões catarinenses apresentou redução no número de pessoas ocupadas em atividades pecuárias na agricultura familiar entre 2006 e 2017. O declínio mais acentuado ocorreu no Norte Catarinense (-29,5%), enquanto no Oeste a queda foi mais moderada (-4,9%). Destaca-se como exceção o Sul Catarinense, que registrou aumento de 14,8%. Em contrapartida, todos os territórios apresentaram crescimento no pessoal ocupado em estabelecimentos não familiares, variando de 9,9% no Oeste a 77,9% no Sul Catarinense.

Apesar da redução observada, a agricultura familiar manteve-se como principal empregadora na pecuária estadual, respondendo por 74,9% da mão de obra total em 2017. Essa

participação mostrou-se ainda mais expressiva na mesorregião Oeste, atingindo 82,4%. Estudo realizado por Giehl *et al.* (2018) corrobora a relevância do segmento familiar nas principais cadeias produtivas do estado, identificando que 76,0% dos suinocultores e 79,1% dos avicultores eram agricultores familiares, responsáveis por 54,2% da produção de suínos e 57,0% da produção de frangos. Em estudo subsequente, Giehl *et al.* (2019) demonstraram que mesmo na bovinocultura – atividade tradicionalmente associada a grandes propriedades – 58,4% dos produtores eram familiares, contribuindo com 27,0% da produção estadual.

A análise da distribuição da força de trabalho por classe de atividade econômica² (Tabela 11) evidenciou a predominância da bovinocultura, que em 2017 absorvia 76,1% do pessoal ocupado na pecuária catarinense, percentual superior à média nacional (69,9%). Essa atividade registrou crescimento de 7,9% no período, ampliando sua participação relativa. Apesar da maior visibilidade da suinocultura e avicultura no estado, a bovinocultura – especialmente a leiteira – mostra-se como principal atividade em termos de ocupação. Ressalta-se, contudo, que a ausência de dados desagregados entre corte e leite no Censo Agropecuário limita análises mais precisas dessa dinâmica ocupacional.

Tabela 11. Pessoal ocupado em atividades pecuárias nos estabelecimentos agropecuários, segundo a classe de atividade econômica - Santa Catarina (2006/2017)

Grupo e classe de atividade econômica	2006		2017		Variação 2006-2017
	Nº de pessoas	Particip. (%)	N. de pessoas	Particip. (%)	
Pecuária e criação de outros animais	232.191	100,0%	228.265	100,0%	-1,7%
Criação de bovinos	161.042	69,4%	173.697	76,1%	7,9%
Criação de outros animais de grande porte	615	0,3%	999	0,4%	62,4%
Criação de ovinos e caprinos	1.904	0,8%	1.318	0,6%	-30,8%
Criação de suínos	32.231	13,9%	16.510	7,2%	-48,8%
Criação de aves	28.117	12,1%	33.486	14,7%	19,1%
Criação de outros animais	3.143	1,4%	2.255	1,0%	-28,3%

Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025a). Elaboração do autor.

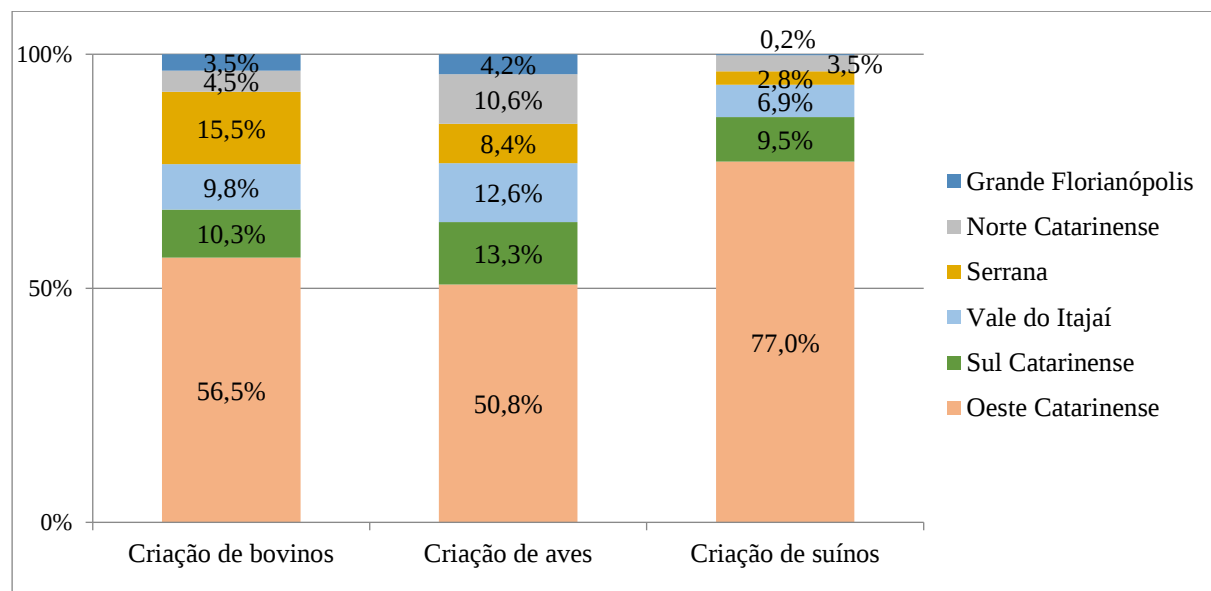
A exemplo da bovinocultura, a avicultura também apresentou crescimento no número de pessoas ocupadas entre 2006 e 2017, com incremento de 19,1%. Esse dado revela uma aparente contradição, uma vez que o número de produtores comerciais de frango diminuiu significativamente no mesmo período. Ressalta-se, porém, que os dados censitários não distinguem entre produção de corte e postura, o que limita análises mais precisas. Adicionalmente, parte desse crescimento pode estar associada à expansão de outras atividades avícolas, como a criação de perus, patos e marrecos.

Em contraste, a suinocultura registrou redução no número de trabalhadores, acompanhando o declínio no número de unidades produtivas já mencionado anteriormente. Esse cenário torna-se particularmente relevante quando considerado em conjunto com o expressivo crescimento da produção suinícola no período, sugerindo uma transformação no padrão tecnológico da atividade. A incorporação de tecnologias poupadoras de mão de obra

² De acordo com o IBGE, o grupo “Pecuária e criação de outros animais” é dividido em seis classes de atividades econômicas: criação de bovinos; criação de suínos; criação de aves; criação de ovinos e caprinos; criação de outros animais de grande porte; criação de outros animais.

parece explicar essa aparente contradição, resultando em maior produção com menor contingente de trabalhadores.

A análise da distribuição regional da mão de obra nas três principais atividades pecuárias do estado (Figura 2) revela padrões espaciais distintos e significativos.



Fonte: Censos Agropecuários (IBGE, 2025). Elaboração do autor.

Figura 2. Participação de cada mesorregião catarinense no pessoal ocupado na bovinocultura, avicultura e suinocultura - Santa Catarina (2017)

No caso da suinocultura, a mesorregião Oeste Catarinense concentrava 77,0% da mão de obra ocupada em 2017, proporção bastante próxima à sua participação na produção estadual (78,9%). Esse padrão de correspondência entre ocupação e produção se repetiu nas demais regiões analisadas, evidenciando uma relação direta entre força de trabalho e volume produtivo nessa atividade.

A avicultura, por outro lado, apresentou um cenário distinto. Embora o Oeste Catarinense respondesse por 79,4% da produção de frangos e pela totalidade da produção de perus no estado em 2017, sua participação no contingente de pessoas ocupadas na atividade era significativamente menor (50,8%). É importante considerar que esses dados agregam tanto a produção de carne quanto a de ovos, o que poderia, eventualmente, implicar na concentração de força de trabalho em outra região. Contudo, mesmo sendo responsável por 49,4% da produção estadual de ovos, a discrepância entre participação produtiva e ocupacional persiste. Uma possível explicação para essa dissociação residiria no maior grau de tecnificação e na consequente elevação da produtividade do trabalho na região, hipótese que, no entanto, demanda investigações mais aprofundadas para ser devidamente comprovada.

Quanto à bovinocultura, a mesorregião Oeste concentrava 56,5% da mão de obra em 2017, enquanto sua participação na produção apresentava variações significativas conforme o produto: 50,9% dos bovinos abatidos e 75,7% do leite produzido no estado. Essa diferença torna-se particularmente relevante ao considerarmos a importância da atividade leiteira no estado. Se a bovinocultura catarinense fosse majoritariamente voltada à produção de carne, entender-se-ia haver um equilíbrio na distribuição da força de trabalho.

O desenvolvimento acelerado da pecuária leiteira no Oeste Catarinense nas últimas décadas caracterizou-se não apenas pelo aumento no número de produtores, mas principalmente

por expressivos ganhos de produtividade. A adoção de tecnologias como ordenhadeiras mecânicas permitiu superar limitações anteriores relacionadas à disponibilidade de mão de obra, possibilitando a expansão da atividade. Os dados do IBGE revelam que, entre 1997 e 2017, a produção por vaca cresceu 118% em Santa Catarina, com a região Oeste registrando o maior incremento (142%) entre todas as mesorregiões. Esses avanços tecnológicos e produtivos podem ajudar a explicar a relativa desconexão entre o volume de mão de obra e a produção na bovinocultura leiteira regional, embora, como no caso da avicultura, sejam necessários estudos mais detalhados para conclusões definitivas.

5. Considerações finais

O presente artigo buscou analisar a dinâmica do trabalho e emprego na pecuária catarinense entre 1995 e 2017, destacando as transformações estruturais do setor e suas implicações para a geração de trabalho e renda no estado. Os resultados evidenciaram três fenômenos principais: (1) a redução geral do pessoal ocupado na agropecuária, acompanhada de um crescimento expressivo na produção; (2) a concentração produtiva e a modernização tecnológica, que alteraram a distribuição regional e setorial da mão de obra; e (3) a persistente importância da agricultura familiar, apesar da tendência de diminuição de sua participação relativa.

Os dados dos Censos Agropecuários demonstraram uma queda de 30,2% no número de pessoas ocupadas em estabelecimentos agropecuários em Santa Catarina entre 1995 e 2017, tendência mais acentuada do que a média nacional (-15,8%). Contudo, quando analisada especificamente a pecuária, observou-se um crescimento de 43,6% no mesmo período, indicando uma mudança na estrutura ocupacional do setor. Esse movimento foi acompanhado por aumentos expressivos na produção de leite (366%), suínos (202%), frangos (174%) e bovinos (228%), revelando ganhos significativos de produtividade. Contudo, os dados demonstram que grande parte da expansão da mão de obra na pecuária anteriormente mencionada concentrou-se predominantemente no período entre 1995 e 2006, sugerindo uma perda de dinamismo nesse setor no período seguinte.

A dinâmica observada ao longo do período analisado reflete a modernização tecnológica da pecuária catarinense, com a adoção de máquinas, sistemas intensivos e melhoramento genético, que permitiram maior produção com menos trabalhadores. A suinocultura e a avicultura, por exemplo, apresentaram queda no número de unidades produtivas (-20,1% e -33,4%, respectivamente, entre 2013 e 2023), mas aumento na produção total, evidenciando um processo de concentração e especialização.

A análise mesorregional destacou a hegemonia do Oeste Catarinense, responsável por 56,5% da mão de obra pecuária e por 75,7% da produção leiteira do estado em 2017. Essa região também concentrava 78,9% da suinocultura e 79,4% da avicultura, percentuais que se mantêm relativamente inalterados no período mais recente, reforçando seu papel central no agronegócio estadual.

Por outro lado, a mesorregião Serrana chamou atenção por concentrar o segundo maior contingente de trabalhadores, mas com baixa representatividade na produção de caráter industrial (como aves e suínos). Essa discrepância está associada à bovinocultura de corte, que, ao contrário das cadeias altamente tecnificadas, ainda opera com baixa mecanização e produtividade (Pinto *et al.*, 2016), o que, em contrapartida e de maneira aparentemente paradoxal, lhe confere um papel social relevante.

O Vale do Itajaí, que em 1995 ocupava a segunda posição em ocupações pecuárias, perdeu relevância, caindo para a quarta posição em 2017. Esse movimento sugere uma

reconfiguração espacial da pecuária catarinense, com maior concentração no Oeste e perda de participação em regiões com menor escala produtiva.

Apesar da queda de 7,4% no número de pessoas ocupadas na pecuária familiar entre 2006 e 2017, esse segmento ainda responde por 74,9% da mão de obra do setor em Santa Catarina. No Oeste, essa participação chega a 82,4%, reforçando sua importância para a economia rural.

Estudos como os de Giehl *et al.* (2018, 2019) destacam que 76% dos suinocultores e 79% dos avicultores catarinenses são agricultores familiares, assim como 58,4% dos bovinocultores.

No entanto, a expansão dos estabelecimentos não familiares (35,1% no período) indica uma tendência de concentração, com produtores menores sendo gradualmente excluídos dessas atividades ou, até mesmo, da agricultura de forma mais ampla.

Algumas lacunas metodológicas dificultam análises mais aprofundadas, como a ausência de dados desagregados entre bovinocultura de corte e leite no Censo Agropecuário, a não distinção entre avicultura de corte e postura e a escassez de informações sobre a qualificação da mão de obra e condições de trabalho. Além disso, o longo período transcorrido entre o último censo e a presente data também tornam alguns resultados questionáveis.

Diante do exposto, sugere-se a realização de estudos qualitativos que aprofundem a análise do impacto da tecnologia no emprego rural, bem como pesquisas setoriais específicas que comparem dinâmicas distintas dentro da pecuária, como as cadeias produtivas do leite e da carne bovina. Adicionalmente, torna-se relevante investigar políticas públicas eficazes para manter a competitividade da agricultura familiar frente aos processos de modernização e concentração produtiva.

A pecuária catarinense experimentou transformações estruturais significativas nas últimas décadas, caracterizadas por expressivo crescimento produtivo, intensa modernização tecnológica e relativa redução da mão de obra empregada. Não obstante essas mudanças, a agricultura familiar persiste como elemento fundamental no cenário estadual, particularmente na mesorregião Oeste, onde mantém elevada participação tanto na produção quanto no emprego rural.

Os desafios que se apresentam para o desenvolvimento sustentável do setor incluem: a conciliação entre ganhos de produtividade e manutenção de postos de trabalho; a democratização do acesso a tecnologias adaptadas às pequenas propriedades; e o monitoramento sistemático dos efeitos da concentração produtiva sobre as comunidades rurais. Esses aspectos demandam atenção contínua de pesquisadores, formuladores de políticas e agentes do desenvolvimento rural, visando garantir que os avanços tecnológicos e econômicos se traduzam em benefícios amplamente distribuídos no território catarinense.

6. Referências bibliográficas

- CASTRO, Nicole Rennó. *Two essays assessing the agribusiness labor market*. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2018. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-01112018-160411/. Acesso em: 02 abr. 2025.
- CEPEA/CNA. *Mercado de trabalho do agronegócio brasileiro*. Piracicaba, 2025. Disponível em: www.cepea.esalq.usp.br/br/mercado-de-trabalho-do-agronegocio.aspx. Acesso em: 25 mar. 2025.
- EPAGRI/CEPA. *Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina*. v.1, Florianópolis: Epagri/Cepa, 2018.

- EPAGRI/CEPA. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina**. v.1, Florianópolis: Epagri/Cepa, 2024.
- HÜBNER, Renata; SIMÕES, Willian. Transformações socioeconômicas do espaço rural no Oeste de Santa Catarina. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 19, n. 39, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/17500>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- IBGE. **Censos Agropecuários 1995, 2006, 2017**. Rio de Janeiro, 2025a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/series-temporais>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- IBGE. **Pesquisa Trimestral do Abate de Animais**. Rio de Janeiro, 2025b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/abate>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal - PPM**. Rio de Janeiro, 2025c. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2023>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- FAO. **Transforming the livestock sector through the Sustainable Development Goals**. Roma: FAO, 2018. Disponível em: doi.org/10.4060/ca1201en. Acesso em: 01 abr. 2025.
- GIEHL, A.L. *et al.* Participação da agricultura familiar na produção de suínos e frangos em Santa Catarina. In: 56º CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 2018, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: SOBER, 2018. p. 1-20.
- GIEHL, A.L. *et al.* Participação da Agricultura Familiar na Produção de Bovinos em Santa Catarina. In: VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2018, Florianópolis. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Rede de Estudos Rurais, 2019. p. 1840-1855.
- MAPA. **Estatísticas do Agronegócio**. Brasília: Mapa, 2023. Disponível em: www.gov.br/agricultura/pt-br. Acesso em: 10 mar. 2025.
- MARCONDES, T. A agropecuária em Santa Catarina: cenário atual e principais tendências. **Revista NECAT**, v. 5, n. 9, p. 8-38, 2016.
- MUSSOI, E.M. Agricultura familiar: reflexão a partir de novas perspectivas. In: VIEIRA, P.F. (org.). **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002. p. 25-57.
- OCDE; FAO. **Agricultural Outlook 2017–2026**. Paris: OCDE, 2017. Disponível em: www.oecd-ilibrary.org/agriculture-and-food/oecd-fao-agricultural-outlook-2017-2026_agr_outlook-2017-en. Acesso em: 01 abr. 2025.
- PINTO, C.E.; GARAGORRY, F.C.; COSTA JR., N.B.; BALDISSERA, T.C. (Orgs.). **Pecuária de corte: Vocação e inovação para o desenvolvimento catarinense**. Florianópolis: Epagri, 2016.
- VALDÉS, A.; FOSTER, W. Re-ections on the Role of Agriculture in Pro-Poor Growth. **World Development**, 38(10), 2010. p. 1362–1374.
- WORLD BANK. **Employment in agriculture** - The World Bank Open Data, 2023. Disponível em: data.worldbank.org/indicator/SL.AGR.EMPL.ZS. Acesso em: 10 fev.2025.